

# OTIMISMO

Daily Luiz Wambier

Há quem diga que eu carrego no pincel, exageradamente, quando procuro fazer o esboço do atual panorama brasileiro, no que tange à sua sociedade, administração pública, família, política, religião, ensino, etc., como a dizer que encaro a vida e o mundo de hoje com pessimismo ou sob ângulos escuros demais.

É claro que eu gostaria de me utilizar de outras tintas — a azul ou rosa, por exemplo — para pintar isso que aí está, rotulado de Civilização Cristã. Não pode ser, entretanto. Por maior boa vontade que eu tenha, por mais tolerante e compreensivo que eu seja, não posso me calar nem tenho coragem de silenciar ante o acanhamento quase geral, em face da profunda decadência que qualquer indivíduo poderá observar, desde que o faça em atitude serena e criteriosa, apreciando tudo com absoluta isenção de ânimo.

Primeiro, até há poucos anos, apenas alguns órgãos do organismo nacional se apresentavam com sinais evidentes de gangrena. Hoje, desgraçadamente, é esse organismo que deixa mostrar, à evidência, as marcas vi-

síveis da necrose que se está generalizando de modo alarmante.

Os poucos que me contradizem, fantasiados de anjos de inocência, fazem me lembrar a história daquele doente que dizia não estar acometido de lepra. O seu mal era o de Hansen. Nem por isso, contudo, o mortífero conseguia atenuar suas reações intumescidas nem esconder as chagas virulentas denunciadoras da terrível molestia.

O mais estranhável de tudo, no entanto, está no volume cada vez maior das pessoas que correm, pressurosas, aos templos religiosos, como a quererem demonstrar, aos outros, que a virtude maior — a crença e o respeito às glórias espirituais — ainda é uma chama bem viva a crepitar no recondito de sua alma.

O Brasil também está cheio de gente que vive a proclamar a necessidade de se elevarem os padrões morais dos indivíduos, reconhecendo, de outro lado, a veracidade do que um político declarou: que estamos caminhando para o abismo de todas as decadências.

Contuão, nada de concreto se faz e muito pouco de objetivo se obtém, porque a maioria dessas pessoas, senão mesmo a sua quase totalidade, o que deseja é construir, em torno de si, a muralha com que pretende tapar as suas mazelas e disfarçar as suas tremendas vergonheiras.

Não é possível que alguém exemplifique apenas com palavras de conteúdo muito vago ou com atitudes de simples aparência.

Ninguém acredita na sinceridade religiosa do Antônio, que comparece aos cultos da sua crença com o pensamento inteiramente ocupado com os motivos que lhe poderiam propiciar ensejo para lograr o seu sócio, para furtar os outros, para conspurcar o lar do seu "melhor e mais querido amigo".

Ninguém acredita nas palavras desses tartufos que vivem a apregoar falsas virtudes para, com mais certeza e eficiência, assenhorear-se da propriedade alheia, com passes de mágica que envergonhariam o próprio demônio, se acaso ele tivesse a coragem de vir para cá, na Terra, competir com os homens.

Ninguém acredita nessas pessoas que esqueceram mulher e filhos, com o único fim de conseguir maiores gozos mundanos e amontoar mais riquezas materiais.

Ninguém acredita, ainda, nesses hipócritas que vivem a anunciar, aos quatro ventos, uma honestidade e dignidade nas quais são os primeiros a não crer.

Ninguém acredita, finalmente, em quem não sabe renunciar, em quem não possui espírito de sacrifício, em quem não olha o seu semelhante, seja ele quem for, como um seu igual, mas como uma fonte que poderá ser explorada em seu próprio proveito.

E claro que existem as exceções. Não fossem elas as clássicas honrosas exceções...

Em regra, porém, o homem é esse aglomerado de coisas más que o tornam perigosíssimo, que o transformam num verdadeiro ajuntamento de todas as ruínas que se possa imaginar.

O pior é que ninguém vê perspectiva de dias melhores. Não se vislumbra coisa alguma, num futuro próximo ou distante mesmo, de que a situação venha a sofrer as alterações que se impõem, antes que tudo acabe sendo engolido pelo abismo de todas as decadências a que se referiu o Sr. Danton Coelho.

Pode-se, assim, em sã consciência, usar outras cores menos escuras para pincelar o panorama de hoje? Eu acho que não.

Se você, leitor, acha que sim, eu o cumprimento com respeito e lhe dirijo estas palavras: porfie no caminho otimista e, por favor, me forneça um pouco desse otimismo tão necessário para os que, como eu, têm a certeza de que o homem não veio à Terra para ser o que é.